

Capítulo 1

— Não estaremos a precipitar-nos?

— Claramente.

— A precipitar-nos... muito?

— Todos dirão que sim. Ninguém no seu perfeito juízo nos aconselharia a fazer semelhante coisa.

— Estaremos loucos?

— Sem sombra de dúvida.

O anel cintilava perigosamente sob o vidro do expositor. *Que requinte*, pensou Ruth. Três diamantes, presos por garras em ouro branco, de uma rara perfeição, absolutamente sedutores. *Mas o que raio fazemos nós aqui?*

O joalheiro olhava-os, solene, demasiado familiarizado com aquele tipo de cena para se deixar comover pelas faces coradas e os olhos reluzentes do casal.

— São brilhantes de diamante — disse. — Quilate e meio cada um.

— É lindo, não é?

Ned apertou-lhe a mão.

— Sim. Um anel genuíno.

— O que dirão todos?

— O que interessa isso? Importa apenas o que nós queremos.

— Claro que sim.

O anel reluziu. Ruth apertou a mão de Ned, uma falta de ar sufocava-lhe o peito.

— E então?

— Acho que é este — disse Ruth devagar, não querendo acreditar no que acabara de dizer.

Ned voltou-se para o joalheiro.

— Levamos este.

Quando saíram de casa, não tinham a mínima intenção de ficarem noivos. Tudo começou no mercado de antiguidades, quando pararam frente a uma banca onde se vendia toda a espécie de quinquilharias. Ruth gostava de procurar colares e pregadeiras antigos, pelo que parou e examinou alguns dos artigos expostos. Assim que olhou para ambos, a mulher atrás do balcão pegou de imediato num tabuleiro com o que designou pomposamente por «clássicos, anéis de diamantes antigos de soberba qualidade».

Ruth e Ned riram com embaraço e olharam obedientemente para os anéis. Ruth retirou um do expositor em veludo, um enorme diamante solitário encastrado num anel de platina.

— Ah! — exclamou de imediato a vendedora. — Vejo que tem bom gosto. É uma beleza, não é? Talhe em rosa, platina verdadeira. Uma preciosidade.

Ruth observou o anel em contra-luz e, em seguida, de perto.

— Tem uns pontinhos pretos — disse, mostrando-o à mulher. — É normal?

— Oh, sim — disse a vendedora. — É sinal de que é um bom diamante. É carbono, sabe. Os diamantes são feitos de carbono: é uma prova de que é genuíno.

— É muito bonito — disse Ned. — Vamos andando e pensamos sobre o assunto, Ruth?

Saíram do mercado juntos. Ned ria.

— Onde está a graça?

— Não sou grande entendido no assunto, mas sei que um diamante não deve ter pontinhos pretos. Os diamantes *são* carbono, mas as impurezas que apresentam devem-se, normalmente, a bolsas de gás, manchas ou outros minerais. Até eu sei que a pureza é essencial num diamante... num que valha a pena comprar, claro.

Caminharam até chegar a uma estrada movimentada, onde passava um trânsito apressado, a caminho das vias periféricas, estradas de sentido único e parques de estacionamento de Oxford. Pararam por momentos, ambos em silêncio.

— Vamos até ao rio — propôs Ned, por fim.

Caminharam junto ao trânsito acelerado, de mãos dadas, renunciando a conversar entre tanto ruído, até chegarem a Abingdon Road, onde os carros se uniam aos autocarros que desciam lentamente a St. Aldates, afunilando em direcção aos arredores da cidade e às vias com dupla faixa de rodagem.

Dirigiram-se ao parque de Christ Church, onde o ruído e o fumo se extinguiram num silêncio tranquilo, e caminharam lentamente até ao rio. Uma equipa de remo treinava, antecipando o início da temporada, deslizando com graça ao longo do rio. O dia estava luminoso, o céu azul e soalheiro, embora as primeiras folhas secas anunciassem já o final do Verão. Outros veraneantes partilhavam os largos caminhos da margem do rio: pais empurrando carrinhos de bebé, chamando pelas crianças que corriam; casais de mãos dadas, turistas fotografando os remadores e as cruzeiras distantes das igrejas circundantes: Christ Church, Merton, Corpus Christi.

Ned e Ruth deixaram toda esta movimentação para trás e enveredaram por um caminho mais fresco e com mais sombra, onde o Tamisa se juntava ao Cherwell, verde-escuro, com ramos baixos roçando as águas serenas, perturbadas apenas pelos patos e um ou outro barco à vara. Sentaram-se num banco de jardim e deram as mãos.

— Aquele anel... — disse Ned, com uma voz nervosa que Ruth nunca lhe ouvira — quere-lo? Não o dos pontinhos negros, claro. Refiro-me a um *verdadeiro* anel. Um anel de diamantes. Queres um?

— O que queres dizer? — A voz de Ruth soou igualmente aguda e trémula. Julgava saber o que Ned pretendia dizer-lhe, mas tinha

de o ouvir com clareza. A ideia de interpretar erradamente as suas palavras era demasiado aterradora.

— Bem... na verdade, não queria que as coisas acontecessem assim. Tinha em mente um grande plano, restaurante e rosas, eu ajoelhando-me perante ti, mas seja... — sorriu. — Não podia imaginar que uma senhora querendo impingir-nos anéis faria surgir o assunto desta forma, mas ei-lo aqui, entre nós. Ruth...

O olhar de Ned quase a assustou. Por um breve instante, Ruth desejou tapar-lhe a boca com a mão. Depois de Ned falar, não teriam como voltar atrás.

— ... sei que estamos juntos há apenas doze semanas. Sei que te mudaste para a minha casa somente na semana passada. O teu pai mal me conhece e a tua gata ainda me estranha e foge quando entro na sala... e isto só para começar. Mas penso que estamos bem, desde o primeiro momento. Julgo que tu também pensas o mesmo, não é?

Ned segurava-lhe a mão com força, olhando intensamente para ela. A proximidade enchia-a de prazer, mas resistia ao impulso de o abraçar. Sentia um formigueiro no estômago.

— Eu sei que estamos bem — sussurrou Ruth.

— A sério, achas mesmo?

— Total e absolutamente. Sabes que sim.

— Então, por que não nos decidimos? Façamos a coisa a sério.

— Ned marcou uma pausa. — Vamos casar.

Ruth sentiu-se invadida por um turbilhão de emoções. Sentia-se tonta, prestes a cair. Recuperou o fôlego, cerrou os punhos. O que dissera Ned? *Casar!* Uma imensa felicidade fundia-se com outro sentimento. *Chegou o momento?*, ouviu uma voz interior perguntar baixinho. *Tens a certeza? É mesmo com este homem que queres casar?* Na sua mente, outra voz, sobrepondo-se à anterior, dizia-lhe que tinha de responder. *Então? Como é? Sim ou não?* Sentia-se como se estivesse de pé, sobre uma prancha de mergulho muito alta. Lá em baixo, bem no fundo, alguém acenava. *Salta! Está-se muito bem aqui, a sério.* Mas Ruth não sabia se queria saltar ou não. Depois de saltar, não poderia voltar atrás.

Percebia agora que pensara em casar com Ned quase desde o primeiro momento, acalentando a esperança de que este a pedisse em casamento. Na verdade, ansiara por aquele momento, mas, agora, estava assustada perante a sua concretização, ainda que por dentro exultasse de felicidade. Uma ínfima parte de si desejava que pudessem voltar atrás e esquecer aquele pedido.

— Então? — perguntou Ned. Estava pálido e ansioso e Ruth sentia-lhe a mão tremente, segurando a sua. — Oh, meu Deus, estraguei tudo, não foi? Estás horrorizada, apavorada. Estás mal disposta?

— Não. E não, não estragaste nada. Não terias como — disse Ruth rapidamente. — Estou... estou simplesmente maravilhada...

A voz minúscula desapareceu. Ruth sentiu-se selvagem, ousada e feliz. *Quero lá saber*, pensou. *Vou aceitar*.

— Claro que sim. Não posso imaginar nada mais perfeito. Não imagino felicidade maior.

Ainda atordoados, foram a uma verdadeira joalheria em High Street, repleta de tabuleiros de veludo cintilantes, protegidos por montras gradeadas, com um sinete de latão à entrada. Escolheram o anel em ouro branco com três diamantes e, como lhe servia, Ruth usou-o logo. Nunca possuía jóias com diamantes. Era estranho descer a rua e ver três reluzindo no seu dedo. Sentia-se como se tivesse ido às compras de vestido de noite. Receava ser assaltada, ou que uma das pedras preciosas caísse, ou que o anel se partisse de alguma forma, pelo que segurava a mão com firmeza, olhando-o de relance repetidamente, para se certificar de que estava seguro.

Em seguida, foram para o Randolph e beberam champanhe. Sorriam tolamente um para o outro, disparando a cada momento num riso incrédulo perante a decisão maravilhosa, destemida e emocionante que haviam tomado.

— Devia telefonar ao meu pai — disse Ruth. — Será tudo mais real se contarmos a alguém. — Depois, ansiosa, suspirou e disse: — E os teus pais? Nem sequer me conhecem! O que irão pensar?

— Vão ficar encantados — respondeu Ned, resolutamente. — Vão adorar-te quase tanto quanto eu. És irresistível.

Ruth riu.

— Estamos doidos! Isto é ridículo.

— Nem por isso. Conhecemo-nos há três meses, não há três horas. Na verdade, acho que é a coisa mais sensata que fiz na vida — disse Ned, inclinando-se para beijá-la. — A sério, Ruth. Este é o princípio de uma vida nova maravilhosa. Tenho a certeza.

— Tens?

Ruth olhou-o nos olhos, plena de felicidade. Não fora um erro louco, sabia-o. Toda a tristeza e dificuldades do passado ficavam agora para trás. Ned tinha razão: era o fim da vida antiga e o começo de algo novo.

— Vamos ser tão felizes... Mal posso esperar.

Capítulo 2

— Ruth, Ruth!

Ruth parou a meio das escadas, pousou o cesto com as fichas dos pacientes no joelho e debruçou-se sobre o corrimão, para se certificar de quem por ela chamava.

A Dr.^a Fletcher estava lá em baixo, à porta do seu consultório.

— Tem um momento?

— Claro.

A clínica atravessava o calmo período de almoço, altura em que encerravam as portas e o pessoal fazia uma brevíssima pausa, como nadadores retomando o fôlego entre braçadas.

Ruth desceu a velha e instável escadaria, um dos poucos elementos originais da mansão georgiana que acolhera a clínica. Sem dúvida que seria em breve substituída por uma estrutura mais segura, de mais fácil acesso para os pacientes enfermos e menos propensa a pedidos de indemnização. Quando Ruth entrou no consultório, a Dr.^a Fletcher regressara à sua secretária e escrevia ao computador. Quando Ruth entrou, voltou-se.

— Olá. Obrigada por ter descido. Sente-se.

— De nada. — Ruth sentou-se à frente da secretária.

A médica olhou para ela. À excepção de um vago franzir de testa, o seu rosto estava imperturbável, como habitualmente: suave, oval